

DISCURSO RELIGIOSO: FUNÇÕES E ESPECIFICIDADE

Cleide Emilia Faye Pedrosa (UFS)

INTRODUÇÃO

Das Teorias do Discurso e Análise do Discurso, selecionamos as funções e características dos discursos institucionais, especificamente, do discurso religioso e teológico como base teórica do desenvolvimento deste artigo. As abordagens teóricas serão acompanhadas de indicações de quando, onde ou como pode ocorrer o aspecto mencionado.

ESPECIFICIDADES DO DISCURSO ESOTÉRICO E EXOTÉRICO

E necessário, primeiramente, entendermos o que significa esotérico nesse contexto de discurso. “*Esotérico* é aqui um termo técnico para designar o discurso destinado aos membros de uma instituição” (Rodrigues, 2002: 220, nota de rodapé). Assim, para sua compreensão, exige-se o domínio de representações simbólicas, por isso, esse discurso se torna opaco para os que não pertencem ao corpo dessa instituição. Essa é uma boa orientação para que membros de um corpo religioso que estão acostumados com sua própria linguagem simbólica se preocupem em alternar o código lingüístico quando por ocasião de serviços litúrgicos para os que não apresentam o mesmo pertencimento religioso.

Um outro conceito chave, pertinente a este contexto, é exotérico, – diz respeito às modalidades discursivas que não pertencem exclusivamente a um corpo institucional, porém a todos indiscriminadamente. O entendimento desses dois conceitos-chave pode ajudar a membros de uma comunidade ou instituição religiosa serem mais eficazes em sua comunicação.

Às vezes, os membros de uma instituição estão tão imbuídos de seu vocabulário e construções lingüísticas que não se apercebem da opacidade lexicológica, da especificidade da linguagem inerente ao seu mundo religioso. A simbologia que se constrói a partir de

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

crenças e doutrinas se torna tão legítima que muitos não se dão conta o quanto pode ser hermético o discurso religioso para os que não professam a mesma fé.

Até mesmo a linguagem não-verbal ou litúrgica torna-se enigmática para os visitantes de instituição religiosa, pois muitas das ações e atitudes ali praticadas são respostas quase que *skinneanas*, imitadas por eles, sem se aperceberem do significado.

Sem dessacralizar, a linguagem sacralizada, há necessidade de utilizar estratégias discursivas que contribuam para a permeabilidade das mensagens ali veiculadas, ou elas ‘voltarão vazias’. Ao alcançar isso, a membriezia ou os líderes religiosos estão pondo em prática a dimensão pragmática, ou seja, eles estão demonstrando sua competência ao transformar o discurso esotérico em exotérico.

FUNÇÕES DAS INSTITUIÇÕES

As instituições fazem uso de discursos esotéricos a fim de atender suas funções principais. Considerando toda e qualquer instituição, podemos afirmar que se destacam quatro funções:

Pedagógica. ‘É através do discurso que as instituições, entre elas, a Igreja, garantem a aprendizagem de suas crenças e a transmissão da sua legitimidade para prescrever os preceitos destinados a regular os comportamentos e para interferir quando necessário. Se essa função é utilizada em situação de não pertença, então, provavelmente, se fará uso do discurso exotérico.

Simbólica. Essa função estará baseada principalmente no discurso esotérico. A opacidade da linguagem constrói um discurso só entendido pela membriezia. Ele servirá de suporte para as funções mobilizadora e reparadora. Essa função permeia todas as outras funções.

Mobilizadora. O discurso que dá conta dessa função tem a ver com os valores defendidos pela instituição. Observa-se que há uma mobilização da liderança quando identifica que alguns dos valores defendidos estão ‘caindo por terra’. Há todo um discurso de confirmação e reafirmação das crenças.

Reparadora. Se algumas das regras ou normas são quebradas, o discurso da função reparadora será o responsável pelo estabelecimento da ordem, seja através de simples observação, seja através de advertências, seja através de disciplina ou exclusão. O discurso com função reparadora tem o objetivo de reafirmar o que foi ensinado na função pedagógica e identificado como problema na função mobilizadora.

Observamos que as funções institucionais dão conta de objetivos, principalmente, que atendem seus membros, por isso, se faz necessário a adaptação do discurso esotérico a fim de que se torne exotérico em muitos contextos. Algumas atitudes compromissadas de membros e lideranças seriam de bom-tom, especialmente, em programações em que contam com um número representativo de visitantes que não pertencem ao grupo institucional.

CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO RELIGIOSO E DO DISCURSO TEOLÓGICO

O discurso religioso é aquele que faz ouvir a voz de Deus ou de seus enviados (profeta, pastor, padre), essa é a principal característica desse discurso (Orlandi, 1996).

Orlandi (1996) aborda o discurso religioso (doravante DR) como apresentando características gerais e também apresentando características peculiares a certas classes de discurso religioso, o chamado discurso teológico. O discurso religioso é “aquele em que há uma relação espontânea com o sagrado” sendo, portanto, “mais informal”; enquanto o teológico é o tipo de “discurso em que a mediação entre a alma religiosa e o sagrado se faz por uma sistematização dogmática das verdades religiosas, e onde o teólogo (...) aparece como aquele que faz a relação entre os dois mundos: o mundo hebraico e o mundo cristão”, sendo, assim, “mais formal”. (Orlandi, 1996: 246, 247). Porém, podemos falar em DR de maneira globalizante. Assim, temos:

- Desnívelamento, assimetria na relação entre o locutor e o ouvinte – o locutor está no plano espiritual (Deus), e o ouvinte está no plano temporal (os adoradores). As duas ordens de mundo são totalmente diferentes para os sujeitos, e essa ordem é afetada por um valor hierárquico, por uma desigualdade, por um desnívelamento. Deus, o lo-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

curtor, é imortal, eterno, onipotente, onipresente, onisciente, em resumo, o todo-poderoso. Os seres humanos, os ouvintes, são mortais, efêmeros e finitos.

- Modos de representação. A voz no discurso religioso (DR) se fala em seus representantes (Padre, pastor, profeta), essa é uma forma de relação simbólica. Essa apropriação ocorre sem explicitar os mecanismos de incorporação da voz, aspecto que caracteriza a mistificação.
- O ideal do DR é que o 'representante', o que se apropria do discurso de Deus', não o modifique. Ele deve seguir regras restritas reguladas pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas liturgias. Deve-se manter distância entre 'o dito de Deus' e 'o dizer do homem'.
- A interpretação da palavra de Deus é regulada. "Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossímia" (Orlandi, 1996: 246).
- Dualismos, as formas da ilusão da reversibilidade²: plano humano e plano divino; ordem temporal e ordem espiritual; sujeitos e Sujeito; homem e Deus. A ilusão, segundo Orlandi (1996) ocorre na passagem de um plano para outro e pode ter duas direções: de cima para baixo, ou seja, de Deus para os homens, momento em que Ele compartilha suas propriedades (ministração de sacramentos, bênçãos); de baixo para cima, quando o homem se alça a Deus, principalmente, através da visão, da profecia. Estas são formas de 'ultrapassagem'.
- Escopo do discurso religioso. A fé separa os fiéis dos não-fiéis, "os convictos dos não-convictos. Logo, é o parâmetro pelo qual delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso religioso em suas duas formações características: para os que crêem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não crêem é uma ameaça (Orlandi, 1996: 250).

Os discursos religiosos, como já vimos, se mostram com estruturas rígidas quanto aos papéis dos interlocutores (a divindade e os seres humanos). Os dogmas sagrados, por exemplos, fé e Deus, são intocáveis (Setzer, 1987: 91). Segundo Althusser (*apud* Orlandi, 1996: 241), "Deus define-se (...) a si mesmo como sujeito por excelência, aquele que é por si e para si (Sou aquele que É) e aquele que interpela seu sujeito (...) eis quem tu és: é Pedro."

² Reversibilidade. "Troca de papéis na interação que constitui o discurso e que o discurso constitui". "Em minha perspectiva, esses pólos, esses lugares (do locutor e do ouvinte), não se definem em sua essência, mas quando referidos ao processo discursivo: um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade" (Orlandi, 1996: 239)

Ademais, podemos apontar mais algumas características do discurso religioso:

Intertextualidade. “Todo discurso religioso (pela sua natureza) tem a ver com outro discurso religioso” (Castro, 1987: 31, nota de rodapé). “O discurso teológico é um discurso sobre outro discurso” (Orlandi, 1996: 259). Ele se manifesta como um ‘comentário’ a um texto de origem, por isso, tem pouco a ver com o contexto imediato da enunciação. Há sempre um dizer já dito, um redizer de significação divina.

Homogeneidade ideológica. Gramsci (*apud* Orlandi, 1996: 248) diz que “sob a homogeneidade ideológica, existe na religião – enquanto conjunto cultural – uma subdivisão paralela aos grupos sociais afetados” (de mulheres, de intelectuais, e camponeses). Essa heterogeneidade social e ideológica explica o surgimento de aspectos teológicos e de religião popular dentro da mesma religião.

Discurso profético. Exploração das dimensões espaço e tempo. Característica: “dissimulação da sua [discurso profético] relação com o momento histórico como possibilidade mesma de constituir-se.” (Castro, 1987: 30)

Orlandi (1996) considera produtivo estabelecer a diferença entre ‘propriedade’ e ‘marca’ do DR. O primeiro diz respeito com a totalidade do discurso bem como sua relação com a exterioridade, já a ‘marca’ relaciona-se à organização do discurso, sua interioridade.

A propriedade que individualiza o DR é a não-reversibilidade entre os planos temporal e espiritual. Ainda como propriedade, está a não-autonomia do representante em relação à voz e o que ele representa, e não-apropriação do lugar do qual fala. Ele sempre será um interlocutor do Sujeito que representa. As marcas desse discurso podem ser identificadas a partir da dissimetria entre os dois planos. Essa dissimetria será retomada de forma semântica pelo uso de antíteses. Já a antítese será retomada através do mecanismo gramatical da negação. “como os mundos – temporal e espiritual – são opostos e afetados de um valor hierárquico, a negação tem efeito invertido, quando referida às diferentes ordens do mundo” (Orlandi, 1996: 257). O efeito invertido se ver, claramente, nas promessas que constituem o DR: passagem do mundo temporal, com suas consequên-

cias, como morrer, não ver, perder-se para o mundo espiritual e suas vantagens, como viver, ver, salvar-se etc.

Dentro das marcas do DR, podemos verificar a configuração típica das grandes partes de várias espécies de discurso religioso (Orlandi, 1996: 258). O esquema que se apresenta é o seguinte: exortação - enlevo - salvação. Os componentes característicos de cada uma das partes serão expostos no quadro abaixo.

Quadro 1: componentes característicos das partes de um DR

EXORTAÇÃO	ENLEVO	SALVAÇÃO
- Identificação dos sujeitos entre si. Ex.: Queridos irmãos, meus irmãos... - a quantificação ou delimitação da comunidade. 'Nós, os incluídos; 'aqueles', os excluídos. - a denegação. Negação da negação. O DR para afirmar o positivo (a vida), nega o negativo (condição do homem: a morte, o pecado).	- Identificação com os propósitos divinos. Processo de ultrapassagem do mundo temporal para o espiritual.	- Constituída do pedido ou agradecimento feita pelo representante. - culminação do propósito do Sujeito (Deus) e dos sujeitos (os interlocutores). (a-crêscimo nosso)

Outros traços do DR se configuram com o uso do *imperativo* e do *vocativo* – características inerentes de discursos de doutrinação; uso de *metáforas* – explicitadas por paráfrases que indicam a leitura apropriada para as metáforas utilizadas; uso de citações no *original* (grego, hebraico, latim) – traduzidas para a língua em uso através de *perífrases* extensas e explicativas em que se busca aproveitar o máximo o efeito de sentido advindo da língua original; o uso de *performativos* – uso de verbos em que o 'dizer' representa o 'fazer'; o uso de *sinérgicos cristalizados* – usadas em orações e funções fáticas.

Ainda em relação às unidades textuais, podemos acrescentar o uso de determinadas formas simbólicas do DR como as parábolas, a utilização de certos temas, como a efemeridade da vida humana, a vida eterna, o galardão, entre outros. Acrescenta-se também como marca a intertextualidade

As marcas do DR não lhe são exclusivas, podem ser identificadas em outros discursos. "A condição para que as marcas (traços) caracterizem o discurso religioso é que elas sejam referidas à(s) sua(s) propriedade(s)". (Orlandi, 1996: 260).

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Resumidamente, o DR se caracteriza por três fatores: a assimetria entre os planos temporal e espiritual e a não-reversibilidade; o emprego de antítese; e o mecanismo de negação. Esses fatores apontam para o seguinte quadro:

Quadro 2: caracterização do discurso religioso

PERFIL DOS FATORES	SITUAÇÃO	TEXTO	GRAMÁTICA
PROPRIEDADE	Assimetria entre os planos espiritual e temporal (não-reversibilidade)		
TRAÇOS		Antítese, parábola, metáfora etc	Negação, perífrase, paráfrase etc

Ainda as marcas podem se individualizar nos diferentes espécies de discurso religioso, por exemplos em diferentes religiões, diferentes práticas, distintas cerimônias. No entanto, o papel da propriedade seria oferecer estabilidade, ou mais consistência em relação a dissimetria e a não-reversibilidade dos planos desse discurso.

CONCLUSÃO

A Análise do Discurso oferece à instituição Igreja uma análise de seu discurso que caminha por uma interface que beneficia não só aos analistas do discurso mas, principalmente, aos representantes dessa instituição; pois conseguem redimensionar a leitura que fazem de sua prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONATTI, Mario. *Liturgia: comunicação e cultura*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1983.
- CASTRO, Selma. O discurso profético: ressacralização do espaço social. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, fé e poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 29-42.
- GOSSSEN, Gary H. Language as ritual substance. In: SHUY, Roger W. (ed). *Language in Religious Practice*. Massachusetts: Newbury House Publishers 1976, p. 40-60.
- ORLANDI, Enni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1996.
- . *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3ª ed, Campinas: UNICAMP, 1995.
- PEDROSA, Cleide Emília Faye. *O religioso e o social na comunicação face a face*. Aracaju: Edição da Autora, 2002.
- . A linguagem nos serviços religiosos. *Revista Ministério*, Taubaté, n. 5, p 11-13, set-out. 2000.
- RABIN, Chaim. Liturgy and language in Judaism. In: SHUY, Roger W. (ed). *Language in Religious Practice*. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1976. p. 131-155.
- RAVENHILL, Philip L.. Religious utterances and the theory of speech acts. In: SHUY, Roger W. (ed). *Language in Religious Practice*. Massachusetts: Newbury House Publishers, 1976, p. 26-39.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell Porto (orgs). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: UnB, 2002, p. 217-233.
- SAMARIN, William J. The language of Religion. In: SHUY, Roger W. (ed). *Language in Religious Practice*. Massachusetts: Newbury House Publishers Inc., p. 03-13, 1976.
- SETZER, Rachel. Os homens estão criando um mundo que Deus não quer; contradição e conflito no discurso religioso.. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Palavra, fé e poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 91-102.